


Lugar de mulher é nos fanzines (ou onde ela quiser)

A woman's place is in the fanzines (or anywhere she wants to)

Roberto Elísio dos Santos¹

Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP

 10.11606/2316-9877.2024.v12.e230539

Originalmente criados por fãs (homens) de ficção científica e de histórias em quadrinhos, os fanzines ganharam projeção com o movimento Punk (*do it yourself*) no final dos anos 1970, quando esta mídia passou a abordar diversos temas, inclusive os feministas.

¹ Vice-coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade (ECA-USP). Livre-Docente pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. Email: roberto.elisio@yahoo.com.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0431-6788>.

De acordo com a pesquisadora Paula Guerra (2023, p. 7), da Universidade do Porto,

É inegável que os fanzines feministas adquiram maior ímpeto com a associação ao movimento *Riot Grrrl*, que surgiu na década de 1990 nos Estados Unidos da América. Assim, esse movimento – tal como os fanzines feministas a ele adjacentes – propunham uma forma diferente de conceitualizar a concessão do vocábulo ‘feminino’”.

Para a teórica portuguesa, esta tipologia fazia tanto mais sentido nas sociedades do Sul Global ou do Sul da Europa, como Brasil e Portugal, contextos marcados por desigualdades de gênero e uma forte estrutura racial (Guerra, 2023, p. 8). Soma-se a esta questão a defesa dos direitos LGBTQI+. A Riot Grrrl Press, em contraste às distorções dos meios de comunicação *main stream*, gerou os fanzines *queer* e feministas, complementados por músicas sobre liberdade sexual, feminismo, patriarcado, resistência e movimentos sociais e políticos.

Quer sejam forjados nas universidades ou pelo contato com livros e revistas, ou ainda em práticas pedagógicas e trocas com outras fanzineiras, a rede de fanzines serve para a mobilização e intercâmbio entre mulheres de lugares variados, com formações (pedagogia, artes, área da saúde, música, etc.) e interesses distintos. As fanzinotecas presentes em vários lugares do país, assim como exposições e palestras, ampliam o espectro dessa atividade. Nesse sentido, o livro de Thina Curtis (2023), *BraZineiras: o protagonismo feminino nos fanzines*, é um painel que reúne depoimentos de 35 mulheres fanzineiras, apresenta vivências e reflexões do fazer fanzinístico sob olhar feminista, acrescentando pontos de vista plurais e diferenciados.

Referências

CURTIS, Thina (org.). *BraZineiras: o protagonismo feminino nos fanzines*. São Paulo: Timo, 2023.

GUERRA, Paula. Not your girl next door: fanzines, identidades, palavras e rupturas. In: CURTIS, Thina (org.). *BraZineiras: o protagonismo feminino nos fanzines*. São Paulo: Timo, 2023. p. 7-13.

Enviado em: 07.10.2024.

Aprovado em: 14.10.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons